

# Despedida ao Mestre!

Transcorrendo ontem a primeiro aniversário do falecimento do nosso desventurado amigo, Doutor Aduil Jabur, publicamos nesta página o seu discurso pronunciado na Faculdade Ciências Médicas, do Rio, por ocasião da recepção ao maranhense da Turma de 1948. Prof. Aduil Botelho, seu mestre e amigo, a 10 de junho do ano p. findo:

Aqui estamos, Professor, para a despedida. Mas, despedida simbólica, porque desde o momento em que tomamos contacto com este curso, nos foi determinado um dever — o de nunca nos despedirmos e desde o instante em que nos dispuzemos a vencer os sofrimentos humanos, nos foi imposta uma obrigação — a de nunca nos separarmos.

A marca na indissolubilidade do amor é de todos nós, e de tantos mais, nesta Faculdade, há um sentido, desde a sua fundação, a fragilidade humana ante o Cosmos tremendamente grande e tremendamente pequeno.

Nessa grandeza e nessa limitação, nessa fortaleza e nessa fragilidade, sentimos que, se nos mantivermos unidos, algo poderemos fazer em prol da humanidade.

Essa união, além do mais, é o fator forte imperativo da hora que vivemos. Se espiritualmente, nos encontramos unidos desde os primeiros dias da medicina, os de ontem aos de hoje, os de hoje aos de amanhã, buscando todos o mesmo triunfo sobre a dor e enfermidade, moribundo, a morte, materialmente é mais próximo no tempo e no espaço claro sentido de união entre homens que buscam aquele bem, e que engajam naquela luta.

Ferroso é recordar que já houve um progresso, uma evolução; mas, ainda mais é, não esquecer que há muito que evoluir e conquistar, reforçada pela análise da vida e da morte, a compreensão do que está por vir, nos tempos em que predomina o conceito mágico da doença, alvorece da humanidade, o sistema de vida e da morte, que prestava à medicina um aspecto de conhecimento a cada momento e de atividade por todos os instantes.

O novo médico da roça, entre as paredes de tápia das fazendas antigas, na lealdade do nosso homem de campo e ao som das cantigas dos nossos irmãos viroeiros...

Com a Revolução Francesa, a libertação pela técnica e a agricultura mecanizada, estabelecida a pequena propriedade e fortalecido o pensamento científico, desapareceu o arcaísmo. Um novo espírito se abriu para o mundo, e período áureo começou a ser vivido pela humanidade, com o predomínio da experimentação biológica e o apreçamento da verdadeira medicina, progressista e creadora.

Período caracterizado pelo racionalismo cartesiano, o médico teve que pagar um duro tributo à sua libertação, tornando-se o disputador do cliente, e anular, na sua personalidade, muito do que tinha de sacerdote, para realizar muito do que passou a ser de técnico.

Nesse novo regime de trabalho o espírito de concórdia e a preocupação do sucesso deram causa a muita tragédia interior no embate entre o sacerdotário e a técnica, a segunda nascendo, a primeira, das cinzas em que o primeiro não raro se convertia.

Insistente, porém, era o desenvolvimento de indústria, necessária, a divisão de trabalho, inevitável a especialização em todos os setores, inclusive na Medicina. E o médico, livre e individual, via-se cada vez mais preso a colaboradores, à proporção que as especializações se diferenciavam. O tipo egoístico do profissional individualista transformou-se no tipo generoso do profissional que colabora. Nasceu o trabalho em equipe.

A medicina clínica surge dessas transformações e, adotando novos rumos, passou a procurar-se mais com o prognóstico que com o diagnóstico, passou a olhar mais o doente, que a doença, passou a diagnosticar o indivíduo e a individualizar as formas mórbidas.

Essa é a fase histórica em que vivemos, resalvadas as limitações peculiares a todo esquema, e é o tempo, Professor, que nos estamos nos despedindo e que estamos nos despedindo é simbólico porque, se nos separamos neste curso, já temos encontrado marcadas nas encruzilhadas da profissão, onde, com maiores responsabilidades, unidos trabalharemos, ombro a ombro lutaremos pelo mesmo triunfo sobre a dor e a mesma luta contra a morte.

Justo é, e não separados, vivermos a fase histórica que por nós temos, onde a assistência ao indivíduo vedeu lugar à coletividade, onde o nosso dever é mais preservar do que restaurar, onde não há que se afirmar que o nosso dever é curar o homem que adoça.



DR. ADIB JABUR

A obra neste sentido do Diretor do Serviço Nacional de Doenças Mentais, é extraordinária e revela o poder de vontade férrea de um homem que presta à sua pátria um serviço benemérito. Recordar integralmente precitaria muito tempo, e não caberia neste espaço. Entretanto, tem a sua vida inteira votada aos destinos dos insanos do Brasil e hoje à frente do S. N. D. M., seu nome é um patrimônio da medicina pátria, refletindo nos centros médicos de todo o mundo, honrando o Brasil.

Chegamos aqui ao término do curso. Infelizmente tão rápido para uma matéria tão importante; o curso deveria ser mais longo, não com o escopo de nos tornar a todos psiquiatras. Porém, para que todos pudessem adquirir noções mais seguras e mais sólidas de psicoterapia, tão importante para qualquer moléstia, quanto o remédio. Às vezes o medicamento falha, mas, devemos saber consolar sempre. Aprender com o estudo essa enorme legião de neuróticos que pecunham em verdadeira via crucis pelos consultórios médicos, quando das várias doenças moléstias, quando a verdadeira fica relegada a um plano secundário. Saber discernir através de leves sinais, o início insidioso de uma moléstia mental, além de a tratar quando as possibilidades são grandes. Pois que, quando o quadro torna-se nítido, berante, o paciente já rolou pelo abismo da valtedura — já são langüingues. Realmente, um dos males que sofre a nossa preparação cultural é a precipitação, o imediato, a superficialidade. Em geral, se os nossos estudos em profundidade, que exigem paciência, re-

núncia e obediência ao objeto. O espírito de verdade é certamente contrário ao espírito dos fatos, pelo qual tiro, é tanto mais importante quando se trata de despertar nos outros ou de levar-lhe o que já temos.

Nosso Mestre, revelou sobejamente durante o curso, ser possuidor das quatro qualidades fundamentais do verdadeiro mestre: — Alteridade — Efusão — Revelação e Atualização.

Alteridade, é estar qualificado a emitir conceitos, os quais aceitamos como verdade, advindo daí o respeito a sua palavra. Efusão, é saber comunicar os seus conhecimentos, entrar em contacto íntimo com a compreensão do aluno. Revelação, é cultivar o pensamento como expressão da verdade e não como instrumento da vaidade. Atualização, é emitir conceitos novos, recentes e não antigos, de valor apenas históricos.

Não devo cometer o crime de deixar de realçar aqui o valor das aulas dadas de Gladstone, amigo e bondoso, possuidor de dom maravilhoso de dizer as coisas certas com alegria. Este que nos deu as aulas tão movimentadas e dinâmicas, cuja gesticulação maravilhosa presenciada da presença de enfermos.

Para terminar, quero me referir à outra face da personalidade de marcar do Prof. Aduil. Não há a do mestre, médico, de homem público, mas sim a de pessoa humana, justa e boa. Incapaz de subir um degrau para fazer mal a quem quer que fosse, gelou no entanto, uma vez, as palavras escaçadas para dar a quem carecesse de ajuda ou arrieto. Embora, de prudente modestia, suas melhores ações de benevolência e solidariedade fossem levadas a

feito com magnânima discreção, sua bondade e generosidade, transbordando, atraído-se sua intenção, em todas as suas atitudes. Sua vontade de dar, caracteriza-se por um dom supremo, de dar sem humilhação para quem recebe e sem benefício ao contrário, dando ao beneficiário uma sensação de capacidade de trabalho e utilidade proveitosa à coletividade humana.

Mestre e Amigo: Falam por mim, agora, os estudantes todos que os conheceram, e tiveram a fortuna de sua preciosa convivência. Os estudantes que sofreram para estudar, e estudaram graças ao seu estímulo e seu exemplo. Por eles, por toda a classe, neste momento, este agradecimento, singular embora, em sua forma, como o é, porém dito como neste momento com a alma de joelhos, pode até mover montanhas.

Professor Aduil: Por tudo, Deus lhe pague!...

## Publicações oficiais PREFEITURA MUNICIPAL LETRAS CORTADAS

Antonio Costa, Prefeito Municipal de Pinhal, Estado de São Paulo, etc.:

FAZ saber que, de conformidade com o edital expedido por esta Prefeitura em 30 de maio último, foi realizado, nos termos do contrato em vigor, em 24 de maio e 27.º sorteio das letras do empréimo municipal de Cr. \$ 1.500.000,00, autorizado pelo ato legislativo n. 22, de 1.º de agosto de 1935. As letras sorteadas são as seguintes: 90.147-162-205-429-438-522-820-846-860-861, cujo regate será feito do próximo dia 15 em diante, quando também serão pagos os juros relativos ao cupom n. 23, na Tesouraria Municipal desta cidade e no escritório da Sociedade Financeira Verquierei Cest Ltda., em São Paulo, na forma prevista no aludido contrato. De acordo com o conhecimento dos interessados, se expedir o presente edital. Eu, Hermogenes de Melo Junior, Secretário da Prefeitura, do Cartório.

Prefeitura Municipal de Pinhal, aos 6 de junho de 1949. O Prefeito Municipal: (Ass.) Antonio Costa

**Convite Religioso**

A família Pierotti convida aos parentes, amigos e pessoas religiosas, para assistirem à missa de 30º dia que em sufrágio da alma de seu inesquecível chefe

**PEDRO PIEROTTI,**

manda celebrar no próximo sábado, 18 do corrente, às 7,30 horas, na Igreja Matriz, desta cidade.

Pinhal, 12 de junho 1949.





